



IV CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

Segunda Convocatória

A Sociedade Brasileira de Estudos Organizacionais (SBEQ), juntamente com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), a Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), convocam os associados da SBEQ, estudantes, professores, pesquisadores interessados nos Estudos Organizacionais, bem como os demais interessados, a participarem do IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais (CBEQ), que será realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, de 19 a 21 de outubro de 2016.

Tendo em vista a resposta dos pesquisadores à primeira convocatória do IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais (CBEQ), convidamos a todos para participar do evento e submeter seus artigos aos grupos de trabalho relacionados abaixo.

I IDENTIFICAÇÃO DOS GRUPOS DE TRABALHO APROVADOS E SEUS COORDENADORES

Código	Nome	Coordenadores
GT-01	Organizações e Interculturalidade	Janaína Maria Bueno (UFU), Carlos Roberto Domingues (UFU) e Michel Mott Machado (UMC)
GT-02	O Lugar do Espaço nos Estudos Organizacionais: Espacialidades, Materialidades, Territorialidades	Ana Silvia Rocha Ipiranga (UECE), Carolina Dalla Chiesa (UFRGS), Letícia Dias Fantinel (UFES) e Marina Dantas de Figueiredo (UNIFOR)
GT-03	Análise Reflexiva da Prática nas Organizações: Contemplando Diferentes Áreas do Conhecimento	Liliane Canopf (UTFPR), Marcio Pascoal Cassandre (UEM), Raquel Dorigan de Matos (UNICENTRO) e Yára Lúcia Mazziotti Bulgacov

		(UP).
GT-04	Sobre Desigualdades e Interseccionalidades: Discutindo Raça, Gênero, Sexualidade e Classe Social nos Estudos Organizacionais	Ana Paula Rodrigues Diniz (FGV), Denis Alves Perdigão (UFJF), Eliane Barbosa da Conceição (FGV/UPM), Josiane Silva de Oliveira (UFG) e Juliana Cristina Teixeira (UFSJ/UFMG)
GT-05	Comportamento Humano em Organizações	Kely César Martins de Paiva (UFMG), Jair Nascimento Santos (UNIFACS), José Ricardo Costa de Mendonça (UFPE) e Milka Alves Correia Barbosa (UFAL)
GT-06	Diálogos sobre o Trabalho	Admardo Bonifácio Gomes Júnior (UEMG), Andrea Poleto Oltramari (UFRGS), Fernanda Tarabal Lopes (UFRGS) e Ludmila de Vasconcelos Machado Guimarães (CEFET-MG)
GT-07	O <i>Dark Side</i> das Organizações: Crimes, Violência e Má Conduta no Ambiente Corporativo	Alexandre Reis Rosa (UFES), Cintia Rodrigues Oliveira Medeiros (UFU), Pablo Isla Madariaga (USM), Rafael Alcadipani (FGV), Rodrigo Miranda (UFU) e Valdir Machado Valadão Júnior (UFU)
GT-08	As Relações de Poder no Organizar (Extra)Ordinário da Vida Cotidiana	Alexandre de Pádua Carrieri (UFMG), Elisa Yoshie Ichikawa (UEM) e Nathalia de Fátima Joaquim (UFLA)
GT-09	Organização e Práxis Libertadora: Por uma Crítica à Economia Política da Organização	Carlos Fernando Torres Oviedo (UNIVALLE/UFRGS), Luiza Damboriarena (UNIPAMPA/UFRGS) e Maria Ceci Misoczky (UFRGS)
GT-10	Empresa e Modernidade: Sobre Origens, Características e Implicações da Generalização da Forma Empresa	Rosimeri Carvalho da Silva (UFRGS) e Marcio Silva Rodrigues (UFPeI)
GT-11	Práticas, Contribuições e Desafios da Pesquisa Histórica em Estudos Organizacionais	Alessandra de Sá Mello da Costa (PUC Rio), Denise Barros (Unigranrio) e Sergio Wanderley (Unigranrio)
GT-12	Trabalho, Subjetividade e Poder	José Henrique de Faria (UFPR), Deise Luiza da Silva Ferraz (UFMG), Elcemir Paço-Cunha (UFJF) e Francis Kanashiro Meneghetti (UFTPR)
GT-13	Globalização, Periferia e	Charles Pennaforte (UFPeI), Davide Carbonai

	Desenvolvimento	(UFRGS), Leonardo Granato (UFRGS) e Muriel Pinto (Unipampa)
GT-14	Estudos Organizacionais no Contexto do Terceiro Setor	Rosana da Rosa Portella Tondolo (Unisinos), Claudia Cristina Bitencourt (UFRGS), Maria Emilia Camargo (UCS), Jacir Leonir Casagrande (Unisul), Vilmar Antonio Gonçalves Tondolo (FURG), Simone Portella Teixeira de Mello (UFPEL) e Manuela Rösing Agostini (IFRS)
GT-15	Teorias da Prática e Diferentes Formas de Organizar: Aspectos Teóricos, Metodológicos e Empíricos	Alfredo Rodrigues Leite da Silva (UFES), César Tureta (UFES) e Marcelo de Souza Bispo (UFPB)
GT-16	“Da Lama ao Caos”: Reflexões sobre a Crise Socioambiental e as Relações Estado-Empresa- Sociedade	Yuna Fontoura (FGV/EBAPE), Armindo dos Santos de Sousa Teodósio (PUC - MG), Flávia Naves (UFLA) e Marcus Vinícius Peinado Gomes (FGV/EAESP)
GT-17	Organização, Política e Cultura	Eloise Helena Livramento Dellagnelo (UFSC) e José Marcio Barros (UEMG)
GT-18	Trabalho Autogestionário, Economia Popular Solidária e Educação: Processos Organizacionais e Protagonismos, em busca de Cidadania e Reconhecimento	Ana Beatriz Trindade de Melo (PUC/MG), Carlos Henrique Lopes (UNILAB), Carlúcia Maria Silva (UEMG) e Sara da Silva Freitas (USP)
GT-19	Metodologias e Práticas Qualitativas de Produção e Análise de Material Audiovisual	Christiane Kleinübing Godoi (UNIVALI), Adriano Silveira Mastella (IFC) e Antônio Giovanni Figliuolo Uchoa (UNIVALI).
GT-20	Estudos Organizacionais e Administração Pública: Um Diálogo Necessário	Aragon Érico Dasso Júnior (UFRGS), Diogo Joel Demarco (UFRGS) e Maria Lúcia Navarro Lins Brzezinski (UNILA)
GT-21	Organizações Alternativas e Contra Hegemônicas	Márcio André Leal Bauer (FURG), Pedro de Almeida Costa (UFRGS), Antônio João Hocayenda-Silva (UNICENTRO), Fabio Bittencourt Meira (UFRGS), Rene Eugenio Seifert (UTFPR) e Fabio Vizeu Ferreira (UP)
GT-22	Trabalho em Mutação: Carreira, Ocupações e Inserção Profissional na Contemporaneidade	Sidinei Rocha de Oliveira (UFRGS), Lucia Barbosa de Oliveira (IBMEC/RJ), Elisabeth Cavalcante dos Santos (UFPB), Francielle Molon da Silva (UFPEL)



	e Anne Pinheiro Leal (FURG)
--	-----------------------------

II DETALHAMENTO DOS GRUPOS DE TRABALHO APROVADOS

Grupo de Trabalho 01

ORGANIZAÇÕES E INTERCULTURALIDADE

Coordenadores

- Janaína Maria Bueno (Universidade Federal de Uberlândia) – janainabueno@fagen.ufu.br
- Carlos Roberto Domingues (Universidade Federal de Uberlândia) – carlosdomingues@yahoo.com
- Michel Mott Machado (Universidade de Mogi das Cruzes) – michel.machado@umc.br

Descrição

O objetivo do grupo de trabalho (GT) é o de trocar informações, sensibilizar, mobilizar e debater temas de interesse dentro do campo de estudos. Nesse sentido, busca-se a difusão de avanços teóricos, metodológicos e/ou empíricos sobre questões voltadas ao tema central do GT. Segundo Baeninger (2012¹), o final do séc. XX e início do séc. XXI, trouxeram profundas transformações econômicas, sociais, políticas, demográficas e culturais em âmbito internacional e, conforme Sassen (1988²), as mudanças oriundas da reestruturação produtiva, trouxeram implicações à mobilidade do capital e de pessoas em diferentes partes do globo. Para Freitas (2009³), a mobilidade está “na ordem do dia” e caracteriza os tempos atuais onde vivemos em um mundo em constante mudança, com instabilidades e incertezas que

1 BAENINGER, R. (Org.) Imigração Boliviana no Brasil. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

2 SASSEN, S. The Mobility of Labor and Capital: A Study in International Investment and Labor Flow. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

3 FREITAS, M. E. A mobilidade como novo capital simbólico nas organizações ou sejamôs nômadês? Organizações & Sociedade, v. 16, n. 49, art. 3, p. 247-264, 2009.



demandam por adaptação, agilidade e flexibilidade. Do ponto de vista da gestão e das organizações, o contexto atual traz consequências e implicações, tais como a intensificação de missões internacionais e do trabalho em equipes multiculturais, programas de treinamento para desenvolvimento de sensibilidade intercultural ou de competências específicas, desenvolvimento das competências do executivo global, os novos desafios aos negócios internacionais, a comunicação em ambientes multiculturais ou interculturais e a gestão da expatriação/repatriação. Assim, faz-se necessário refletir sobre estas e outras questões relevantes, no intuito de ampliar a consciência destas experiências e de seu significado, tanto para o âmbito organizacional quanto para os sujeitos envolvidos. A partir de diferentes abordagens epistemológicas, teóricas e/ou metodológicas, que visem aprofundar a reflexão sobre as organizações e a interculturalidade, serão bem-vindos ensaios teóricos e artigos teórico-empíricos oriundos de estudos com perspectivas instigantes voltadas para: a compreensão das consequências da mobilidade profissional às organizações e para os sujeitos envolvidos; o desenvolvimento de competências interculturais e a utilização de modelos e práticas pela área de gestão de pessoas; aspectos de carreiras internacionais; as competências e o papel dos gestores que trabalham em ambientes multiculturais; as representações sociais do estrangeiro e do grupo; os dilemas e as ambiguidades no cotidiano intercultural; aquisição e transferência de conhecimento intercultural, sensibilidade, inteligência e competência e a necessidade de tempo e espaço para esta reflexão nas organizações; interações culturais intranacionais; interculturalismo e multiculturalismo; estudos pós-coloniais e diálogos interculturais; perspectivas latinas em estudos multi e interculturais no âmbito das organizações.

Grupo de Trabalho 02

O LUGAR DO ESPAÇO NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: ESPACIALIDADE, MATERIALIDADES, TERRITORIALIDADES

Coordenadores

- Ana Silvia Rocha Ipiranga (Universidade Estadual do Ceará) – ana.silvia@pq.cnpq.br



- Carolina Dalla Chiesa (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) - carolinadallachiesa@gmail.com
- Letícia Dias Fantinel (Universidade Federal do Espírito Santo) – leticiafantinel@gmail.com
- Marina Dantas de Figueiredo (Universidade de Fortaleza) – marina.dantas@gmail.com

Descrição

A partir do final do século XIX, a ideia de espaço newtoniano torna-se cada vez mais questionada, sob a égide do relativismo. Na teoria da relatividade de Einstein, o tempo não é independente do espaço, mas se combina com este, formando um objeto chamado espaço-tempo (Hawking, 1988). Desde então, o espaço-tempo tem suscitado cada vez mais interesse nos diferentes campos do conhecimento, alcançando as Ciências Sociais e caracterizando o que se chegou a denominar a “virada espacial” (spatial turn) nos Estudos Organizacionais. Tal discussão tem influenciado pesquisas no campo e, entre essas, sobressaem-se os trabalhos seminais⁴ de Dale (2005), Clegg e Kornberger (2006), Taylor e Spicer (2007), Dale e Burrell, (2008) e Van Marrewijk e Yanow (2010), que evidenciaram o caráter organizado do espaço a partir de uma compreensão processual. A partir da concepção de que a experiência espacial humana situa-se entre o social e o material, destacamos que o objetivo deste grupo é reunir trabalhos cujo interesse se volte à problematização do espaço e espacialidades no âmbito dos Estudos Organizacionais. Para isso, remetemos a trabalhos de autores como Lefebvre (1991), que reconhece o espaço como um fenômeno social, e De Certeau (1994⁵), ao considerar, através dos relatos de práticas de espaços, a “arte da expressão cotidiana”. Assim, o escopo

4 Clegg, S., Kornberger, M. (eds.). *Space, Organizations and Management Theory*. Copenhagen: Liber & Copenhagen Business School Press, 2006; Dale, K. ‘Building a Social Materiality: Spatial and Embodied Politics in Organizational Control’, *Organization* 12(5): 649–78, 2005; Dale, K., Burrell, G.: *Spaces of Organization and the Organization of Space*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2008; Lefebvre, H. *The production of spaces*. Basil Black Well, Oxford, UK, 1991; Marrewijk, A. van, Yanow, D. *Organizational Spaces: Rematerializing the Workaday World*. Edward Elgar: UK, 2010; Taylor, S., Spicer, A. ‘Time for space: A narrative review of research on organizational spaces.’ *International Journal of Management Reviews*, 9 (4), 325–346, 2007.

5 De Certeau, M. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2012. Hawking, S. *Uma breve história do tempo*. Rio de Janeiro, Intrínseca, 2015.



deste grupo se pretende teórica e epistemologicamente diverso, ao considerar perspectivas simbólicas, interpretativistas, pós-modernistas, pós-estruturalistas e pós-coloniais. São, portanto, temáticas de interesse: materialidades, territorialidades, estética, dinâmicas espaciais urbanas, sociabilidades, etc. Procuramos, assim, dedicar as sessões deste grupo a debates que avancem nas seguintes questões: Qual a natureza das relações entre organizações e espaço? O que constitui e/ou integra o espaço organizacional? Como definir o espaço organizacional enquanto lócus/objeto de pesquisa? Como pesquisar a relação entre organizações e espaço?

Grupo de Trabalho 03

ANÁLISE REFLEXIVA DA PRÁTICA NAS ORGANIZAÇÕES: CONTEMPLANDO DIFERENTES ÁREAS DO CONHECIMENTO

Coordenadores

- Liliane Canopf (Universidade Tecnológica Federal do Paraná) – lilianec@utfpr.edu.br
- Marcio Pascoal Cassandre (Universidade Estadual de Maringá) – mcassandre@hotmail.com
- Raquel Dorigan de Matos (Universidade Estadual do Centro-Oeste) – raqueldorigan@uol.com.br
- Yára Lúcia Mazziotti Bulgacov (Universidade Positivo) – ybulgacov@gmail.com

Descrição

Analisar as organizações em suas diversas concepções (além das organizações produtivas, os grupos minoritários, os excluídos do sistema econômico desconsiderados no mainstream, povos indígenas, faxinais, agricultura familiar, quilombolas, diversidade de gênero, diversidade étnica, movimentos sociais, Organizações não Governamentais, entre outros), como um fenômeno social, concreto, histórico e dialético; um elemento da sociedade que está sempre em estado de tornar-se, produto do processo de construção social; sistemas de causalidade



intersubjetiva, com densos processos cotidianos que se interconectam em vozes, lugares e momentos diferentes, em que as partes contêm o todo e são lugares de residência de atividade, ação e produção de subjetividade. O conceito de prática social é adotado como unidade de análise conforme compreendido pela Psicologia Social, Cultural e Histórica e pela Psicologia Social Comunitária Latino Americana. São bem vindos temas que apresentem metodologias, métodos e técnicas de pesquisa que apresentem uma prática reflexiva, libertadora, expansiva e engajada, que façam o enfrentamento da dicotomia entre o sujeito que pensa e o que executa. Assim, contemplando as diversas áreas do conhecimento que tenham aderência à presente proposta, que contemplem as experiências e autores latino americanos.

Grupo de Trabalho 04

SOBRE DESIGUALDADES E INTERSECCIONALIDADES: DISCUTINDO RAÇA, GÊNERO, SEXUALIDADE E CLASSES SOCIAIS NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

Coordenadores

- Ana Paula Rodrigues Diniz – (Fundação Getúlio Vargas) – anaprdiniz@hotmail.com
- Denis Alves Perdigão (Universidade Federal de Juiz de Fora) – denis.perdigao@ufjf.edu.br
- Eliane Barbosa da Conceição (Fundação Getúlio Vargas/Universidade Presbiteriana Mackenzie) – elianebarbosa.c@gmail.com
- Josiane Silva de Oliveira (Universidade Federal de Goiás) – oliveira.josianesilva@gmail.com
- Juliana Cristina Teixeira (Universidade Federal de São João del-Rei/Universidade Federal de Minas Gerais) – julianacteixeira@yahoo.com.br

Descrição

Este Grupo de Trabalho colocará em discussão as desigualdades social e historicamente construídas e reproduzidas nas múltiplas dimensões organizativas da vida social⁶. O GT

6 CARRIERI, A. P. **A gestão ordinária**. 2012. Tese (Prof. Titular) – Face, UFMG, Belo Horizonte.



receberá trabalhos que abordem (1) raça⁷, cor⁸ e etnias; (2) gênero; (3) sexualidades; e (4) classes sociais, enquanto dimensões demarcadoras de desigualdades. Privilegiará, ainda, trabalhos que enfoquem os intercruzamentos entre essas dimensões, assumindo a interseccionalidade⁹ como abordagem conceitual e metodológica para a análise das desigualdades sociais. Discutiremos estes tópicos e suas respectivas imbricações com as categorias trabalho/organizações/gestão/Administração. Enfatizaremos debates sobre grupos sociais ideológica e politicamente constituídos como subalternos¹⁰ no aspecto raça/cor/etnia/gênero/sexualidade/classe e aqueles que ocupam os chamados lugares de privilégios (masculinidades, branquidades¹¹, etc.) no campo das organizações/trabalho.

Grupo de Trabalho 05

COMPORTAMENTO HUMANO EM ORGANIZAÇÕES E GERAÇÕES

Coordenadores

- Kely César Martins de Paiva (Universidade Federal de Minas Gerais) – kelypaiva@face.ufmg.br
- Jair Nascimento Santos (Universidade Salvador) – jair.santos@unifacs.br
- José Ricardo Costa de Mendonça (Universidade Federal de Pernambuco) – jrcm@ufpe.br
- Milka Alves Correia Barbosa (Universidade Federal de Alagoas) - milka.correia@gmail.com

7 D'ADESKY, J. **Pluralismo étnico e multiculturalismo**: racismos e antirracismos no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

HALL, S. Raça, o significante flutuante. **ZCultural**, v. 8, n. 2, 2013.

8 BARROS, J. D'A. **A construção social da cor**: diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

9 CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, 2002. pp. 171-188 e MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

10 SANTOS, J. R. **A inserção do negro e seus dilemas**. Projeto Brasil 2020. Parcerias Estratégicas, n. 6, março 1999).

11 WARE, V. Introdução: o poder duradouro da branquidade: “um problema a solucionar”. In: WARE, V. (Org.). **Identidade branca e multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 7-40.



Descrição

O objetivo do grupo temático será trocar informações a respeito do campo “Comportamento Humano em Organizações”, promovendo discussões integradas entre subtemas tradicionais e contemporâneos no âmbito do comportamento humano em organizações (CHO). As pesquisas sobre CHO não são recentes, mas têm ganhado impulso no Brasil devido a diversos aspectos: na academia, as dificuldades em torno de delimitações conceituais e de campos de pesquisa têm privilegiado alguns temas em detrimento de outros e, em ambos os casos, contribuído para avanços nas políticas e práticas de gestão aquém de seu potencial, no interior das organizações; já nestas, percebe-se tanto o tratamento superficial e ideológico dessas questões como o despreparo dos responsáveis pela gestão de pessoas em lidar com os processos envolvidos, suas causas e consequências. Considera-se fundamental conhecer não apenas os resultados das pesquisas, mas também os aportes metodológicos que têm permitido aos pesquisadores se aproximarem dos fenômenos em foco, melhor delimitarem e aprofundarem nas temáticas, ampliarem as discussões e contribuir para a difusão desse conhecimento, extremamente útil aos gestores e às organizações, especialmente as brasileiras, tendo-se em vista as mudanças em diversas facetas do perfil da população. A princípio, sugere-se a submissão de artigos que tratem de: valores pessoais, profissionais, organizacionais e do trabalho; comprometimento e Vínculos organizacionais, Enrincheiramento; qualidade de vida no trabalho, estresse ocupacional e síndrome de burnout; justiça organizacional, atitudes retaliatórias e retaliação; prazer e sofrimento no trabalho; percepções temporais. Estudos que considerem aspectos críticos relacionados aos descritos também são bem vindos, assim como os de aportes metodológicos tradicionais e diferenciados e, também, outros que tangenciem os subtemas e sejam considerados pertinentes à temática principal.

Grupo de Trabalho 06

DIÁLOGOS SOBRE O TRABALHO

Coordenadores



- Admardo Bonifácio Gomes Júnior (Universidade do Estado de Minas Gerais) – admardo.jr@gmail.com
- Andrea Poletto Oltramari (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) - andrea.oltramari@ufrgs.br
- Fernanda Tarabal Lopes (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) – fernandatarabal@hotmail.com
- Ludmila de Vasconcelos Machado Guimarães (Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais) – ludmilavmg@gmail.com

Descrição

Nosso intuito com este grupo de trabalho é dar continuidade ao diálogo iniciado no III CBEQ, trazendo novamente para a discussão, no âmbito dos Estudos Organizacionais, as perspectivas de compreensão do trabalho humano conhecidas como "Clínicas do Trabalho". Uma abordagem Clínica sempre busca compreender o que faz a singularidade radical de uma situação, problema, ou mal-estar, de grupos ou pessoa. Uma Clínica do Trabalho dirige sua atenção para as singularidades expressas nas atividades de trabalho. Como sabemos, são muitas e diferenciadas as possibilidades de pesquisa e intervenção sob as orientações das abordagens que se reconhecem como "Clínicas do Trabalho", as quais destacamos: a Clínica da Atividade, a Psicodinâmica do Trabalho, a Ergologia, a Psicossociologia, a Psicanálise em Extensão, dentre outras. Intentamos explorar como encaminham, em cada abordagem, as pesquisas e investigações: Com que métodos? Munidos de quais conceitos e construtos teóricos? Na expectativa de que tipo de resultados? As possibilidades de compreensão do trabalho por meio das abordagens clínicas têm sido cada vez mais recorrentes no campo dos Estudos Organizacionais, e mostram-se um caminho profícuo e aprofundado para se tratar as mais diversas possibilidades de relações estabelecidas do homem, com e no trabalho. Além das abordagens específicas mencionadas, são também bem-vindas propostas que dialogam sobre o trabalho humano em suas diversas facetas, tais como: as circunstâncias pelas quais o trabalho é construído e reconstruído; a produção social de sofrimento no trabalho; os aspectos criativos e construtivos do sujeito em sua experiência no trabalho; significados simbólicos atribuídos ao trabalho, processo e organização; dentre outros. Assim, intentamos oportunizar



aos estudiosos que já se orientam nessas vertentes um espaço para o debate e a reflexão, e para a comunidade em geral, a possibilidade de conhecimento nessa área de investigação.

Grupo de Trabalho 07

O DARK SIDE DAS ORGANIZAÇÕES: CRIMES, VIOLÊNCIA E MÁ CONDUTA NO AMBIENTE CORPORATIVO

Coordenadores

- Alexandre Reis Rosa (Universidade Federal do Espírito Santo) – alexandre.r.rosa@ufes.br
- Cintia Rodrigues Oliveira Medeiros (Universidade Federal de Uberlândia) – cintia@fagen.ufu.br
- Pablo Isla Madariaga (Universidad Técnica Federico Santa Maria) - pablo.isla@usm.cl
- Rafael Alcadipani (Fundação Getúlio Vargas) – rafael.alcadipani@fgv.br
- Rodrigo Miranda (Universidade Federal de Uberlândia) – rodmiranda02@gmail.com
- Valdir Machado Valadão Júnior (Universidade Federal de Uberlândia) – valdirjr@ufu.br

Descrição

Os estudos sobre organizações, predominantemente, tendem a enfatizá-las como espaços dotados de racionalidade, sucesso e certezas, focalizando o seu lado positivo e tratando as manifestações negativas como excepcionais, e não como parte das práticas organizacionais cotidianas (Morgan, 1996¹²). Linstead, Maréchal e Griffin¹³ (2010, 2014), na chamada de trabalhos para uma edição especial do periódico *Organization*, chamam a atenção para a necessidade de estender nosso olhar para o lado sombrio das organizações, pois, como nós teorizamos o dark side é extremamente importante para o que podemos fazer sobre ele. No

12 Morgan, G. (1996). *Images of organization*. London: Sage Publications.

13 Linstead, S. A.; Maréchal, G. & Griffin, R. W. (2010). Special Issue on “The Dark Side of Organization.” *Organization Studies*, Call for Papers, v. 31, p. 997-999; Linstead, S. A.; Maréchal, G. & Griffin, R. W. (2014). *Theorizing and Researching the Dark Side of Organization*. *Organization Studies*, v. 35.



decurso de suas funções, executivos e gestores agem e tomam decisões segundo o conjunto de normas, procedimentos, políticas e regulamentos da corporação, configurando-se em uma faceta organizacional carregada de sombras por ser ainda pouco estudada. Essa sombra, ou o lado sombrio das organizações como Morgan (1996) se refere, constitui-se em um desafio para aqueles que estudam as organizações, pois abriga o que escapa das prescrições sobre o modo como gerenciar os recursos para alcançar os resultados organizacionais. Nesse sentido, ao propor este GT, temos como objetivo explorar o lado sombrio das organizações, assumindo que a dinâmica não organizada e oculta influencia a organização. Propomos, então, que o lado sombrio das organizações seja um foco alternativo para a compreensão da vida organizacional. Para tanto, convidamos trabalhos que busquem investigar, no ambiente organizacional, os seguintes temas em particular: crimes corporativos (corrupção, crimes contra o consumidor, suborno, fraudes, crimes ambientais e crimes contra o trabalhador); conspiração e manipulação política (articulações entre governos e corporações); abuso de poder, agressão, extorsão, violência, suicídio, assassinato, perigo e risco nas organizações; assédio moral e sexual, discriminação, vitimização, depressão, gestão pelo medo, trabalho escravo; tragédias, guerra, genocídio, exploração, erros e desastres; ambição, obsessão, vingança, ganância; fetichismo da mercadoria, o vício, o uso e abuso de drogas; depravação, perversão e transgressão; misbehavior organizacional; crises em organizações da área de saúde; e outros temas que explorem o lado sombrio das organizações. Propomos incorporar trabalhos que abordem essas questões nas organizações empresariais em suas diversas tipologias (comerciais, da saúde, educacionais, industriais, de serviços), nas organizações do Estado e da Sociedade Civil. Quanto aos métodos adotados, esperamos contribuições que considerem uma gama mais ampla de abordagens críticas ao dark side, incluindo perspectivas marxista, pós-marxista, pós-modernistas, pós-estruturalistas e pós-colonialistas.

Grupo de Trabalho 08

AS RELAÇÕES DE PODER NO ORGANIZAR (EXTRA)ORDINÁRIO DA VIDA COTIDIANA

Coordenadores



- Alexandre de Pádua Carrieri (Universidade Federal de Minas Gerais) – alexandre@face.ufmg.br
- Elisa Yoshie Ichikawa (Universidade Estadual de Maringá) – eyichikawa@uem.br
- Nathalia de Fátima Joaquim (UFLA) – nathaliafjoaquim@hotmail.com

Descrição

A proposta deste GT é trabalhar, de forma transdisciplinar, a ressignificação do conceito de gestão, a partir das histórias, memórias, práticas e relações de poder imbricados no cotidiano das manifestações sociais (tradicionais) da sociedade. Significa pensar a gestão como ordinária, expandindo as possibilidades do que seja gerir, organizar e administrar. Por um lado, caracteriza as impossibilidades e as limitações da gestão instrumental para fazer frente à realidade e, por outro, o interesse de aproximação com o cotidiano nas formas de organizar. A categoria 'gestão ordinária' parte da desconstrução do termo e de seus usos predominantes na administração, de forma a deslocá-los dos contextos dominantes nos quais foram dispostos como instrumentos de poder. Propõe-se aqui o estudo do ordinário, com foco na mulher/homem comum, em suas práticas, saberes e relações de poder que caracterizam um gerir particular que se realiza cotidianamente. O olhar também se dirige ao mundo cotidiano, abrigo de uma produção ilimitada de racionalidades, de temporalidades e espacialidades diferenciadas; que por sua heterogeneidade se caracteriza pela possibilidade, pelo devir nas e das relações sociais.

Grupo de Trabalho 09

ORGANIZAÇÃO E PRÁXIS LIBERTADORA: POR UMA CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA DA ORGANIZAÇÃO

Coordenadores

- Carlos Fernando Torres Oviedo - Universidad del Valle (CO) e UFRGS - (carlos.oviedo@ufrgs.br)
- Luiza Damboriarena – UNIPAMPA e UFRGS (luizadamboriarena@hotmail.com)



- Maria Ceci Misoczky - UFRGS (maria.ceci@ufrgs.br)

Descrição

O GT tem o objetivo de refletir sobre as lutas sociais e problematizar a concepção hegemônica de organização¹⁴. Não estamos interessados em contribuir para a gestão (management). Consideramos que os Estudos Organizacionais têm sido dominados pelo management, em consequência, têm se subordinado às obsessões tipicamente gerencialistas com a prática e a novidade, e definindo como irrelevante o estudo das lutas sociais (MISOCZKY; FLORES; GOULART, 2015). Consideramos que a consolidação de espaços nos Estudos Organizacionais libertados do management é indispensável para aqueles que adotam uma posição crítica à exploração e à dominação. Nesse sentido, para ampliar o modo como estudamos organização (verbo e nome), precisamos abandonar sua compreensão restritiva como uma unidade de análise reificada. Misoczky (2010), por exemplo, inspirada em Freire (1987) e Dussel (2004) define organização como o ato coletivo intersubjetivo que é meio para a práxis da libertação e aprendizagem para a experimentação de práticas organizacionais libertadoras. Para articular a compreensão da organização da resistência e das lutas libertadoras com o sistema do capital, se faz necessário ampliar o campo dos Estudos Organizacionais. Nesse sentido, propomos avançar com relação à proposta de Jones e Böhm (2002) de uma “economia geral da

14 DUNAYEVSKAYA, R. *Marxism and Freedom: From 1976 until Today*. Amherst, NJ: Humanities Press, 1982. DUSSEL, E. *Hacia una Arquitectónica de la Ética de la Liberación*. In: APEL, K.-O.; DUSSEL, E. *Ética del discurso y ética de la liberación*. Madrid: Trotta, 2004. p. 339 – 366. FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. HARVEY, D. *A companion to Marx's capital*. New York: Verso, 2010. JONES, C.; BÖHM, S. *Hors d'oeuvre*. *Ephemera*, v. 2, n.4, p. 277-280, 2002. MARX, K. *Capital: A Critique of Political Economy*. Vol. 1. London: Penguin, 1976. MISOCZKY, M. C. *Das práticas não-gerenciais de organizar à organização para a práxis da libertação*. In: MISOCZKY, M. C.; FLORES, R. K.; MORAES, J. (Org.). *Organização e práxis libertadora*. Porto Alegre: Dacasa, 2010. p. 13-56. MISOCZKY, M. C.; FLORES, R. K.; GOULART, S. *An anti-management statement in dialogue with critical Brazilian authors*. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 130-138, mar./abr. 2015. MISOCZKY, M.C., MORAES, J. (2011): *Práticas organizacionais em escolas de movimentos sociais*. Porto Alegre, RS: Dacasa. RAUBER, I. *La transformación social en el siglo XXI: camino de reformas o de revolución*. *Pasado y Presente*, n. 21, p. 1–26, 2004.



organização”. Esta crítica à economia política da organização precisa avançar na construção de uma definição de organização que se articule com a crítica ontológica das relações sociais capitalistas; que conceba a vida como parte da organização de um metabolismo social historicamente determinado, condicionado pela produção de valor e pela dinâmica da luta de classes. Portanto, a produção de valor constitui a organização específica de diferentes momentos da vida social. Nos termos de Harvey (2010), esses diferentes momentos incluem: relações com a natureza; modos de produção e reprodução da vida cotidiana; concepções mentais do mundo; relações sociais e tecnologias. Essas seis dimensões, assim como sua interconexão, no capitalismo, são organizadas para a extração de mais-valia em uma dinâmica de luta de classes. Ainda assim, elas podem ser e são coletivamente imaginadas e organizadas de modo contra hegemônico por diferentes grupos sociais, comunidades e movimentos sociais ao redor do mundo. Essa é uma visão de organização profundamente política com a qual temos muito que aprender e, talvez, algo a contribuir. Estamos interessados, portanto, em movimentos da prática para a teoria (DUNAYEVSKAYA, 1982); na articulação entre as duas dimensões do pensamento crítico reflexivo: o conhecimento que é elaborado teoricamente e o conhecimento que emerge desde baixo e que, muitas vezes, permanece restrito à práxis e ao contexto das lutas sociais. Apresentamos a seguir linhas temáticas indicativas, não exclusivas, para a acolhida de trabalhos: críticas a formas contemporâneas de produção de valor que incluem a produção da natureza, a privatização dos bens comuns e a resistência organizada dos povos. Organização de lutas sociais e práticas organizacionais de movimentos sociais populares. Organização e cotidiano de greves e lutas de trabalhadores. Organização de movimentos insurgentes massivos: memórias e aprendizagens. Discussões críticas sobre o se constitui em ‘alternativa’ e que práticas organizacionais desde baixo podem, ainda que inadvertidamente, contribuir para a reprodução de regimes de dominação e exploração. As múltiplas contradições que definem a dialética da organização das lutas sociais. Significados e limites de práticas de auto-organização Diálogos teóricos com o conhecimento produzido por ativistas em sua práxis. Significado organizacional de momentos efêmeros e/ou eventos. A dimensão organizacional em eventos de ocupação. Práticas organizacionais como experimentos políticos pré-figurativos. Contribuições da tradição do pensamento social latino-americano (incluindo o brasileiro) para compreender as lutas sociais contemporâneas. Múltiplas faces da rebeldia e das lutas sociais no espaço urbano. Educação e lutas sociais:



demandas populares para o ensino superior público; articulações entre universidades e movimentos sociais; experiências educativas de movimentos sociais. Ética da libertação e produção do consenso dos subalternos. Práticas metodológicas no estudo de lutas sociais e suas limitações.

Grupo de Trabalho 10

EMPRESA E MODERNIDADE: SOBRE ORIGENS, CARACTERÍSTICAS E IMPLICAÇÕES DA GENERALIZAÇÃO DA FORMA EMPRESA

Coordenadores

- Rosimeri Carvalho da Silva (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) – Rosimeri.carvalho@ufrgs.br
- Marcio Silva Rodrigues (Universidade Federal de Pelotas) – marciosilvarodrigues@gmail.com

Descrição

A empresa, um acontecimento moderno e insignificante em outros tempos e espaços, tornou-se, ao consolidar-se antes e acima de tudo como um símbolo de eficiência (econômica), a organização de referência (Solé, 2008) e o sistema normativo central das sociedades ocidentais e de todas as sociedades que seguem ou almejam a modernidade (Laval e Dardot, 2016). Intensificado com o projeto neoliberal, esse avanço e predomínio da empresa, o qual denominamos de processo de empresarização (Solé, 2008) ou empresariamento como chamam os autores da área da Educação (Neves, 2001) e da Geografia/Urbanismo (Vainer, 2013), acaba, no limite, por contribuir para redefinir relações sociais, maneiras de viver e subjetividades. O que está em jogo aqui não é apenas a incorporação das características, da linguagem, das técnicas e dos métodos empresariais por indivíduos ou organizações/instituições com naturezas distintas. É, nada mais e nada menos, a compreensão da empresa como um poder transversal que contribui para estabelecer a forma de nossa



existência, isto é, o modo como nós agimos e nos relacionamos com os outros e com nós mesmos. Até o momento, há um pequeno número de trabalhos que abordam este fenômeno, assim como é quase inexistente a reflexão sobre a empresa, como ideia, forma ou modelo, no interior dos estudos organizacionais e da própria administração. Apesar de todos os aspectos negativos oriundos desse processo, talvez o cerne dessa escassez de trabalhos e desse avanço da empresa sobre tudo e todos seja, justamente, na compreensão da mesma como uma evidência característica e natural de nosso mundo. Por isto queremos convidar os interessados em analisar, desnaturalizar e denunciar as origens, as características e as implicações da elevação da forma empresa como modelo social universalmente generalizável (elemento de organização social e/ou forma organizacional central) (Foucault, 2008). Entendemos que esta discussão implica na reflexão crítica sobre os traços constitutivos da empresa, sobre a incorporação de um comportamento empresarial por organizações/instituições que não possuíam tal orientação e sobre a influência da empresa em nosso modo de vida. Também são bem-vindos trabalhos preocupados em analisar as derivações mais visíveis daquela generalização, tais como: empreendedorismo, gerencialismo, privatização, pejetização ou mercadorização. Além dessas, tomando a empresarização como um processo que, ao contar com o auxílio de várias instituições, concorre para (re)construir, impor e consolidar certos comportamentos e regimes de verdade, nos parece igualmente importante analisar a ideia de empresa como um dispositivo de poder, a construção e manutenção de sua centralidade, dentre outras possibilidades.

Grupo de Trabalho 11

Práticas, Contribuições e Desafios da Pesquisa Histórica em Estudos Organizacionais

Coordenadores

- Alessandra de Sá Mello da Costa (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) - alessandra.costa@iag.puc-rio.br
- Denise Barros (Unigranrio) - denise.fb@globo.com
- Sergio Wanderley (Unigranrio) - sergiow.gaz@terra.com.br



Descrição

O grupo de trabalho tem por objetivo abrir espaço para discussões que contemplem a importância das práticas, contribuições e desafios da pesquisa histórica. Buscando aproximar história, memória, memória-silêncio, cotidiano e construção de significado em organizações, a proposta é contribuir com o crescente esforço de pesquisadores que buscam em suas pesquisas superar o caráter ainda a-histórico da área, promovendo reflexões críticas e interdisciplinares a partir da utilização de diferentes epistemologias, metodologias e fontes documentais históricas. Neste sentido, são bem vindos estudos que busquem analisar e problematizar como as fontes e os arquivos históricos podem contribuir para um melhor entendimento acerca dos fenômenos organizacionais, e como a pesquisa histórica pode ser usada pelos pesquisadores para além de um engajamento superficial com o passado. Destarte, estamos interessados em artigos que discutam como as organizações materializam estrategicamente o seu passado por meio da criação e da gestão dos seus acervos e arquivos documentais, construindo dinamicamente significados que expressam, em última instância, as disputas entre memória oficial e memória silenciada. Assim, convidamos autores para a submissão de trabalhos teóricos e empíricos que enfoquem: Contribuições ontológicas, epistemológicas e/ou metodológicas da perspectiva histórica para a área de estudos organizacionais; Gestão ordinária, memória e o cotidiano do trabalho nos pequenos e médios negócios; História do Management no Brasil; Fontes, Arquivos e Acervos históricos para construção de historiografias nas organizações; Centros de Memória e Documentação Corporativos e Museus Corporativos; Empresas, Governo e Violação dos Direitos Humanos; História dos conceitos; Contribuições dos “intérpretes do Brasil” como Sergio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Celso Furtado, Guerreiro Ramos, Hélio Jaguaribe, Raymundo Faoro, entre outros.

Grupo de Trabalho 12

TRABALHO, SUBJETIVIDADE E PODER

Coordenadores



- José Henrique de Faria (Universidade Federal do Paraná) - jhfaria@gmail.com
- Deise Luiza da Silva Ferraz (Universidade Federal de Minas Gerais) - deiseluiza@face.ufmg.br
- Elcemir Paço-Cunha (Universidade Federal de Juiz de Fora) - paco.cunha@ufjf.edu.br
 - Francis Kanashiro Meneghetti (Universidade Tecnológica Federal do Paraná) - fkmeneghetti@gmail.com

Descrição

Os Grupos de Pesquisa Economia Política do Poder em Estudos Organizacionais (EPPEO) e Trabalho e Marxismo (TraMa) convidam pesquisadores e pesquisadoras a apresentarem os resultados de investigações (em andamento ou concluída) que tiveram como objetivo a realização de uma reflexão crítica acerca das formas e relações de trabalho na sociedade contemporânea, com ênfase no controle social e no controle da subjetividade, partindo do desenvolvimento das forças produtivas desde a Organização Científica do Trabalho até a chamada produção flexível ou enxuta (toyotismo) e analisando suas repercussões no processo de trabalho, mediado por mecanismos explícitos e sutis, manifestos e ocultos de poder e controle. O objetivo do grupo é discutir tanto as formas de controle sobre o processo de trabalho, ou seja, debater os procedimentos explícitos de controle como os sistemas culturais, simbólicos e imaginários presentes no ambiente e discurso, os quais se manifestam como dominantes, hegemônicos e ideológicos, reproduzindo a lógica de dominação do capital sobre o trabalho, quanto as relações de poder estabelecidas no processo de trabalho e suas diferentes formas de manifestação, como violência, assédio, estratégias, políticas de gestão, dentre outras. A proposta é a de promover uma discussão aberta e uma análise crítica das relações de trabalho na sociedade contemporânea, entendendo como a necessidade do controle do processo de trabalho sob o modo de produção capitalista engendra discursos e práticas organizacionais que condicionam os sujeitos trabalhadores a submeterem-se às formas de precarização oriundas da própria dinâmica do sistema de capital. Palavras-chave: Processo de trabalho; relações de trabalho; reorganização produtiva; controle social;



mecanismos de controle da gestão; relações de poder; subjetividade; precarização do trabalho.

Grupo de Trabalho 13

GLOBALIZAÇÃO, PERIFERIA E DESENVOLVIMENTO

Coordenadores

- Charles Pennaforte (Universidade Federal de Pelotes) - charles.pennaforte@ufpel.edu.br
- Davide Carbonai (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) – davide.carbonai@ufrgs.br
- Leonardo Granato (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) - leonardo.granato@ufrgs.br
- Muriel Pinto (Universidade Federal do Pampa) - murielpinto@unipampa.edu.br

Descrição

O objetivo deste GT é reunir trabalhos cujo interesse se volte a debater e refletir sobre os desafios do Estado periférico, de seu aparelho burocrático e da sociedade civil, na formulação de alternativas organizacionais de desenvolvimento socioeconômico e de inserção internacional autônoma, na atual etapa de globalização do capitalismo mundial. O escopo se constrói a partir de opções teóricas e posicionamentos epistemológicos diversos no campo das ciências sociais aplicadas e ciências humanas, relacionados a perspectivas interpretativistas ou críticas, pós-modernistas, pós-estruturalistas e pós-colonialistas. Entende-se que o estudo das diversas questões vinculadas ao Estado e à categoria de “público” em geral, na periferia do capitalismo, devem se conectar com uma dimensão internacional ou externa que condiciona as possibilidades de desenvolvimento dos países periféricos. Busca-se superar, assim, a prevalência das questões tecnocráticas tradicionais, deslocando o nível da análise para um sistema econômico, político e social mais amplo, para o impacto das políticas sobre o sistema como um todo e para seus princípios e valores subjacentes. São temas de interesse deste GT as organizações e a dinâmica organizacional no setor público; o governo, a administração



pública e as teorias democráticas contemporâneas; as estratégias de desenvolvimento e inserção internacional; as políticas públicas de inclusão social; as estratégias de desenvolvimento em contexto subnacional; o federalismo, a territorialidade e a articulação intergovernamental; a industrialização e os processos de integração; a ampliação de direitos e a cidadania; a diversidade, a cultura e as políticas migratórias; as fronteiras, a defesa e a segurança. O GT pretende ser plural e diverso, aberto a outras questões relacionadas ao tema central. Espera-se que o trabalho coletivo possa aproximar pesquisadores de todo o país e do exterior e produzir articulações em redes dos interessados na temática.

Grupo de Trabalho 14

ESTUDOS ORGANIZACIONAIS NO CONTEXTO DO TERCEIRO SETOR

Coordenadores

- Rosana da Rosa Portella Tondolo (Universidade do Vale do Rio dos Sinos) - rosanatondolo@gmail.com.
- Claudia Cristina Bitencourt (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) - claudiacb@unisinobr
- Maria Emilia Camargo (Universidade de Caxias do Sul) - mariaemiliappga@gmail.com.
- Jacir Leonir Casagrande (Universidade do Sul de Santa Catarina) - jacir.unisul@gmail.com.
- Vilmar Antonio Gonçalves Tondolo (Universidade Federal do Rio Grande) - vtondolo@gmail.com.
- Simone Portella Teixeira de Mello (Universidade Federal de Pelotas) - sptmello@gmail.com.
- Manuela Rösing Agostini (Instituto Federal do Rio Grande do Sul) - manuragostini@gmail.com.

Descrição



A gestão nas organizações do Terceiro Setor tem sido um tema emergente nas últimas décadas. A discussão tanto teórica como empírica sobre os estudos organizacionais no contexto do Terceiro Setor tem disputado espaço com temáticas seminais. No entanto, há de se destacar que embora alguns periódicos e eventos estejam possibilitando espaço para discussão, ainda há muito a ser debatido, e conseqüentemente, avançado quando o tema são estudos organizacionais. Tendo em vista essa lacuna, esta proposta de grupo de trabalho visa fornecer um espaço para a discussão de pesquisas que explorem a reflexão dos estudos organizacionais no contexto do Terceiro Setor. Para isso, serão bem vindos artigos teóricos e teórico-empíricos que explorem as diferentes dinâmicas organizacionais desse setor, principalmente os que envolvem aspectos gerenciais, estratégicos, comportamentais e de inovação. Dessa forma, alguns temas para discussão são instigados por este grupo de trabalho, dentre estes podem ser citados: os modelos de gestão adotados pelas organizações do Terceiro Setor, as estratégias de captação (mobilização) e aplicação dos recursos, as capacidades e competências desenvolvidas por essas organizações, a gestão do voluntariado e os motivadores para o trabalho voluntário, a inovação social nesse setor, incluindo o desenvolvimento de tecnologias sociais. Além desses, outras temáticas emergentes nesse setor também são bem vindas, tais como: a discussão de transparência e prestação de contas associada ao desempenho organizacional, bem como a gestão das operações/logística humanitárias. Também serão aceitos temas correlatos, os quais sejam relevantes e tangenciem o escopo organizacional do Terceiro Setor. Diante dessas temáticas, este GT busca promover a discussão e o debate entre os pares visando à evolução e o crescimento desta área de estudo no contexto nacional.

Grupo de Trabalho 15

TEORIAS DA PRÁTICA E DIFERENTES FORMAS DE ORGANIZAR: ASPECTOS TEÓRICOS, METODOLÓGICOS E EMPÍRICOS

Coordenadores

- Alfredo Rodrigues Leite da Silva (Universidade Federal do Espírito Santo) – alfredoufes@gmail.com



- César Tureta (Universidade Federal do Espírito Santo) – cesartureta.ufes@gmail.com
- Marcelo de Souza Bispo (Universidade Federal da Paraíba) – marcelodesouzabispo@gmail.com

Descrição

Este grupo de trabalho tem como objetivo discutir pesquisas que tenham como fonte de inspiração teorias da prática. A virada para a prática nos Estudos Organizacionais (EO) pode ser identificada, principalmente, na manifestação do maior interesse pela vida cotidiana dos atores, como uma forma de analisar os fenômenos nas organizações. O estudo das práticas, na teoria social, está presente no trabalho de autores como, por exemplo, Aristóteles, Bourdieu, Giddens, Foucault, Latour, Schatzki, Garfinkel, dentre outros. Apesar da diversidade de filiações epistemológicas, um ponto convergente entre os teóricos da prática é a ideia de que os fenômenos são manifestações do campo da prática, portanto, só podem ser compreendidos e analisados a partir dele. Cada uma a sua maneira, as teorias da prática têm em comum a tentativa de superar dicotomias como, sujeito/objeto, mente/corpo e agência/estrutura, deslocando a ênfase do agente ou da estrutura para as práticas. As teorias da prática se apresentam como úteis para os EO por destacarem a ideia de que a organização é um acontecimento, uma realização instável em constante estado de (re)constituição. Tal perspectiva analítica explora o dia a dia nas organizações, buscando investigar os fenômenos que ali acontecem não como uma propriedade da organização, mas como práticas específicas. Adotar abordagens da prática propicia ao pesquisador organizacional compreender as práticas organizativas na medida em que elas se desdobram, ou seja, no momento em que estão sendo desempenhadas e o fenômeno analisado acontecendo. Assim, são bem-vindos trabalhos que busquem discutir a prática do ponto de vista teórico ou empírico, especialmente no que diz respeito a suas estratégias metodológicas de investigação e na reflexão de como esta abordagem contribui para os diversos temas nos EO. Entre as abordagens possíveis, destacam-se as comunidades de prática, aprendizagem como prática, sociomaterialidade, estética, organizing, teoria ator-rede, estratégia como prática, phronesis etc.

Grupo de Trabalho 16



“DA LAMA AO CAOS”: RELFEXÕES SOBRE A CRISE SOCIOAMBIENTAL E AS RELAÇÕES ESTADO-EMPRESA-SOCIEDADE

Coordenadores

- Yuna Fontoura (Fundação Getúlio Vargas - RJ) - yuna.fontoura@fgv.br
- Armindo dos Santos de Sousa Teodósio (Pontifícia Universidade Católica - MG) - armindo.teodosio@gmail.com
- Flávia Naves (Universidade Federal de Lavras) - flanaves@dae.ufla.br
- Marcus Vinícius Peinado Gomes (Fundação Getúlio Vargas - SP) - marcus.gomes@fgv.br

Descrição¹⁵

15 ABRAMOVAY, R. Muito além da economia verde. São Paulo: Atlas, 2012. ACSELRAD, H.. Sustentabilidade, espaço e tempo. In: Herculano, S. C. Meio ambiente: questões conceituais. Niterói: Ricor, 2000. BANERJEE, S. B. Corporate social responsibility: the good, the bad and the ugly'. Critical Sociology, v.34, n.1, 51-79, 2008. DE BAKKER, F. G., den HOND, F., KING, B., & WEBER, K. Social movements, civil society and corporations: Taking stock and looking ahead. Organization Studies, v. 34, n.5-6, p. 573-593, 2013. FLIGSTEIN, N. Market as politics: a political-cultural approach to market institutions. American Sociological Review, v. 61, p. 656-673, 1996. FONTOURA, Y.; NAVES, F. Movimento agroecológico no Brasil: a construção da resistência à luz da abordagem neogramsciana. O&S, v. 23, n. 77, p. 181-184, 2016. GOMES, M. Econegócios: como as grandes marcas capturam a agenda da sustentabilidade. RAE - Revista de Administração de Empresas, v. 54, p. 86-88, 2014. LEVÉSQUE, B. Contribuição da nova sociologia econômica para repensar a economia no sentido do desenvolvimento sustentável. Revista de Administração de Empresas, v. 47, n. 2, p.49-60, 2007. LEVY, D. L., & EGAN, D. A NeoGramscian Approach to Corporate Political Strategy: Conflict and Accommodation in the Climate Change Negotiations. Journal of Management Studies, v.40, p. 803-830, 2003. OTTO, B., & BÖHM, S. “The people” and resistance against international business: The case of the Bolivian “water war”. Critical Perspectives on International Business, v. 2, p. 299-320, 2006. VASCONCELOS, I. F. F. G., ALVES, M. A., & PESQUEUX, Y. Responsabilidade social corporativa e desenvolvimento sustentável: olhares habermasianos. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 52, n.2, p.148-152, 2012. WEISS, A. R. Cracks in the foundation of Stakeholder Theory. Eletronic Journal of Radical Organization Theory, v. 1, n. 1, 1995. WILDHAGEN, R. O.; TEODÓSIO, A. S. S.; MANSUR, Y. S.; MESA, J. A. P. Novas



Posso sair daqui para me organizar
Posso sair daqui para desorganizar
Da lama ao caos, do caos à lama
Um homem roubado nunca se engana.
(Chico Science, Nação Zumbi)

Em 2015, o rompimento da barragem de rejeitos da mineradora Samarco no município de Mariana, Minas Gerais, causou impactos socioambientais gravíssimos (SANTOS, 2016; DINIZ, 2016). Infelizmente, os desdobramentos desse triste episódio da história brasileira ainda não resultaram em projetos claros de revitalização do patrimônio socioambiental destruído, responsabilização e punição dos responsáveis no âmbito empresarial e governamental, formas de regulação e controle social pelos atores sociais sobre os territórios e na construção estratégias de desenvolvimento para espaços sociais específicos. Tais fatos trazem à tona a discussão, inclusive acadêmica, sobre as relações entre atores governamentais, organizações empresariais privadas, notadamente grandes corporações, e sociedade civil. Muitos estudos envolvendo esses temas têm aparecido no campo da Administração, porém, na maioria das vezes são desenvolvidos a partir de abordagens teórico-compreensivas pouco crítico-reflexivas e pautadas por uma ênfase economicista, gerencialista e estadocêntrica das relações entre Estado, mercado e sociedade. Além disso, multiplicam estudos a partir de epistemologias e metodologias pouco capazes de romper as fronteiras entre universidade e sociedade, pouco articulados com a práxis e eticamente questionáveis. Acreditamos que os Estudos Organizacionais precisam aprofundar as discussões sobre as relações Estado, sociedade e mercado, problematizando de forma mais crítica e reflexiva os desdobramentos dessas interações. Sugerimos entre os temas possíveis os que seguem: responsabilidade Social Empresarial, ação política das empresas, controle social de atores empresariais e abordagens

Fronteiras Teóricas para a Responsabilidade Social Empresarial: o papel das empresas no desenvolvimento sustentável dos territórios. RGSA: Revista de Gestão Social e Ambiental, v. 9, p. 3-23, 2016.



críticas sobre a Teoria dos Stakeholders; organizações da Sociedade Civil, Redes de Movimentos Sociais e Ambientais, Associações Locais (Grassroot Organizations); governança (local, nacional e transnacional), multinacionais e demais organizações internacionais; temas contemporâneos da agenda de estudos em sustentabilidade como: transgênia, produção alimentar, mudança climática, balanço energético, energias renováveis, segurança da água e da biodiversidade etc.

Grupo de Trabalho 17

ORGANIZAÇÃO, POLÍTICA E CULTURA

Coordenadores

- Eloise Helena Livramento Dellagnelo (Universidade Federal de Santa Catarina) - eloiselivramento@gmail.com
- José Marcio Barros (Universidade Estadual de Minas Gerais) - Josemarciobarros2013@gmail.com

Descrição

O campo da cultura vem sendo interpelado política e economicamente desde meados da década de 90 de modo mais intenso que o era antes. Tanto na esfera de organizações internacionais como no âmbito nacional observamos o que parece ser novas dinâmicas cujo marco parece ser o relatório “Nossa diversidade criadora”, de 1995, no que diz respeito a organizações internacionais. No âmbito nacional temos marcos importantes entre os quais destacamos as políticas dirigidas ao campo a partir do primeiro governo Lula. Muitas análises tem sido feitas em diferentes áreas do conhecimento sobre os programas propostos, notadamente o Programa Cultura Viva, o sistema nacional de Cultura, as políticas de financiamento. Queremos convidar os colegas das diferentes áreas para novas análises que pensem a relação entre política, organização e cultura. Esperamos receber artigos construídos a partir de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, que considerem a Política e as políticas, a organização como substantivo e como verbo e a cultura nas suas diferentes



manifestações e definições. Importante ressaltar que não incluímos nesta chamada trabalhos sobre cultura organizacional. Nossas principais inquietações residem nas relações que se estabelecem a partir destas interpelações políticas e econômicas no campo da cultura. De que modo são dinamizadas as relações de poder? Que espaços são conquistados por novos agentes? Que participação é construída frente a estas novas dinâmicas, espaços e agentes?

Grupo de Trabalho 18

TRABALHO AUTOGESTIONÁRIO, ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA E EDUCAÇÃO: PROCESSOS ORGANIZACIONAIS E PROTAGONISMOS, EM BUSCA DE CIDADANIA E RECONHECIMENTO

Coordenadores

- Ana Beatriz Trindade de Melo (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais) - melo.ana.bh@gmail.com
- Carlos Henrique Lopes (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira) - carlos.henrique@unilab.edu.br
- Carlúcia Maria Silva (Universidade do Estado de Minas Gerais) - carlucia.maria@gmail.com
- Sara da Silva Freitas (Universidade de São Paulo) - sarafs77@yahoo.com.br

Descrição

Nas últimas décadas, importantes transformações têm ocorrido no mundo do trabalho, precarizando direitos de parcelas crescentes da classe trabalhadora. Tais mudanças possibilitaram a emergência do trabalho cooperado e associativo, contribuindo para que trabalhadores excluídos do mercado de trabalho e desprotegidos do Estado, recorram a atividades informais, como alternativas de trabalho e renda. As iniciativas de economia solidária têm encontrado entre os excluídos do mercado de trabalho formal, um vasto e fértil campo de ação, no qual novas potencialidades de organização e inclusão socioproductiva se fazem presentes. Debater as novas configurações do trabalho e estratégias de organização dos trabalhadores desempregados, buscando assim compreender e analisar as diversas iniciativas



de economia solidária, atentando para processos organizacionais e estratégias sociopolíticas inovadoras, tanto no que diz respeito às lutas por reconhecimento, quanto ao fortalecimento da cidadania, constituem os principais objetivos desta proposta. O presente GT objetiva também, discutir a interface trabalho, educação, economia solidária e processos organizacionais e seu papel enquanto instrumento de superação de desigualdades. Ou seja, trabalho, educação, inclusão social e o lugar da Universidade em relação às iniciativas de economia solidária, suas estratégias organizativas e lutas por cidadania e reconhecimento. Reflexão e debate que serão norteados pelas seguintes temáticas: Transformações no mundo do trabalho, economia solidária e desigualdades; educação, trabalho autogestionário e a organização dos trabalhadores em busca de democracia participativa e cidadania; cooperativismo, associativismo e a nova lei das cooperativas de trabalho (Lei Nº 12.690/2012); experiências de novas formas de organização [e de gestão] dos trabalhadores, como a economia solidária, empresas recuperadas e outras formas associativas; economia Solidária e Terceiro Setor: interfaces, dilemas e oportunidades.

Grupo de Trabalho 19

METODOLOGIAS E PRÁTICA QUALITATIVAS DE PRODUÇÃO E ANÁLISE DE MATERIAL AUDIOVISUAL

Coordenadores

- Christiane Kleinübing Godoi (UNIVALI) - chriskg@univali.br
- Adriano Silveira Mastella (IFC) - asmastella@yahoo.com.br
- Antônio Giovanni Figliuolo Uchoa (UNIVALI) - uchoag@yahoo.com.br

Descrição

Existe, no campo das ciências sociais e humanas, tais como antropologia, sociologia, história, psicologia e comunicações, um amplo espectro de discussões epistemológicas, teóricas e conceituais sobre análise de imagens e visualidades, que já data de mais três décadas. O conjunto atual de tentativas isoladas empreendidas por pesquisadores originários de diversas



orientações disciplinares de dar conta de debruçar-se sobre objetos imagéticos diversos para explicar e compreender fenômenos organizacionais sociais revela um crescente interesse por métodos de análises audiovisuais. Porém, até o momento não surgiu nenhum método de interpretação específico que se ocupe - diretamente - do nível visual em seus diferentes objetos. O que se tem feito até o momento é, diante da imagem, transcrever objetos imagéticos sob a forma de relações discursivas para, posteriormente, realizar alguma forma de análise do discurso sobre o texto gerado na transcrição. O objetivo deste Grupo de Trabalho reside em iniciar a discussão e abrir, porventura, possibilidades de sistematização de uma abordagem integradora de Análise Qualitativa de Material Texto-Audiovisual no campo dos estudos organizacionais. Dentro desta perspectiva, ainda incipiente nos EORs brasileiros, serão bem vindos ensaios teóricos ou artigos teórico-práticos, em elaboração ou concluídos, versando sobre os seguintes subtemas (não excludentes): Trabalhos que versem sobre diferentes objetos imagéticos, tais como fotografias, desenhos, pinturas, filmes, charges, apresentações teatrais, publicações comerciais, programas televisivos, vídeoclips, revistas femininas, jornais, esculturas; Discussões das principais técnicas de análise de material audiovisual, tais como, por exemplo, videoanálise, foto-elicitación, refotografia, fenomenografia, dentre outros; Interligação entre metodologias visuais e epistemologias contemporâneas.

Grupo de Trabalho 20

ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO

Coordenadores

- Aragon Érico Dasso Júnior (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) - aragon.dasso@ufrgs.br
- Diogo Joel Demarco (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) - diogo.demarco@ufrgs.br
- Maria Lúcia Navarro Lins Brzezinski (UNILA) - marialuci@gmail.com

Descrição



Considerando que há diversos traços de identidade (pontos de contato) entre as áreas dos Estudos Organizacionais e da Administração Pública, este GT tem como objetivo central examinar perspectivas organizacionais alternativas, que se concretizem no espaço público. Para tanto, serão priorizados trabalhos cujo escopo envolvam três grandes ênfases: 1) as relações entre Estado e Sociedade, em especial as relações entre Estado e organizações da sociedade civil, notadamente, aquelas que dão conta da gestão de serviços públicos, com especial atenção aos modos de provisão - prestação direta ou delegada via novos formatos institucionais - tais como as organizações sociais (OSs), as organizações da sociedade civil de interesse público (OSCIPs), entre outras; 2) espaço público e instituições participativas formais e informais, com ênfase na participação popular, no controle social e na transparência (neste último caso, sobretudo, experiências de Governo Aberto) e; 3) as relações federativas e os arranjos institucionais cooperativos, sobretudo aqueles que se dão entre os entes federativos (União, Estados e Municípios), tais como os consórcios públicos.

Grupo de Trabalho 21

ORGANIZAÇÕES ALTERNATIVAS E CONTRA HEGEMÔNICAS

Coordenadores

- Márcio André Leal Bauer (Universidade Federal do Rio Grande) - mlealbauer@gmail.com
- Pedro de Almeida Costa (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) - pedrodealmeidacosta@gmail.com
- Antônio João Hocayen-da-Silva (Universidade Estadual do Centro-Oeste) - -hocayen@yahoo.com.br
- Fabio Bittencourt Meira (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) – fabio.meira@ufrgs.br
- Rene Eugenio Seifert (Universidade Tecnológica Federal do Paraná) - r.e.seifert@gmail.com
- Fabio Ferreira Vizeu (Universidade Positivo e IBEPES) - fabio.vizeu@gmail.com



Descrição¹⁶

O pensamento acadêmico dominante elege a organização formal burocrática como a única forma organizacional possível. Visão que corresponde a um processo ideológico e hegemônico atrelado a uma lógica utilitarista instituída pela Sociedade de Mercado e institucionalizado no modo de produção capitalista (VIZEU, 2010). Universaliza-se o objetivo do crescimento organizacional (SEIFERT E VIZEU, 2015), a racionalidade instrumental (GUERREIRO RAMOS, 1989) e a orientação pró-mercado (POLANYI, 2000). Neste contexto, diferentes modos de organizar podem tanto ser considerados inadequados ou estranhos à área de Estudos Organizacionais (VIZEU, SEIFERT E HOCAYEN-DA-SILVA, 2015), quase uma “aberração epistemológica”, como também se manifestar como forma de resistência ativa, em desenhos organizacionais que tensionam o modelo que se tornou hegemônico a partir do século XIX.

16 BARCELOS, R.M.R.; DALLAGNELLO, E.E.L. (2014). A teoria política do discurso como abordagem para o estudo das organizações de resistência: reflexões sobre o caso circuito fora do eixo. In: **Organizações & Sociedade**. Salvador, v. 21, 70, p.405-424. GUERREIRO RAMOS. (1989). A. **A Nova Ciência das Organizações: uma reconceitualização da riqueza das nações**. Rio de Janeiro: FGV. MEIRA, F. (2014). Liminal organization: organizational emergence within solidary economy in Brazil. In: **Organization**, v.21, n.5: 713-729. PARKER, M., FOURNIER, V., & REEDY, P. (2007). **The dictionary of alternatives: Utopianism and organisation**. London, England: Zed Books. Polanyi, K. (2000). **A grande transformação: as origens de nossa época**. Rio de Janeiro: Campus. ROTHSCHILD-WITT, J. (1979).The collectivist organization: an alternative to rational-bureaucratic models. **American Sociological Review**, Vol. 44, p.509-527. SEIFERT, R. E.; VIZEU, F. (2015) Crescimento Organizacional: Uma Ideologia Gerencial?. RAC. **Revista de Administração Contemporânea** (Impresso), Curitiba, v. 19, p. 127-141. SERVA, M. (1993). O fenômeno das organizações substantivas. In: **Revista de administração de empresas**. São Paulo, 33 (2): 36-43. SULLIVAN, S., SPICER, A.; BOHM, S. (2011). Becoming global (un)civil society: counter-hegemonic struggle and the Indymedia Network. In: **Globalizations**. v.8, n.5, pp.703-717. VIZEU, F. (2010) (Re)contando a Velha História: Reflexões sobre a Gênese do *Management*. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 780-797. VIZEU, F.; SEIFERT, R. E.; HOCAYEN-DA-SILVA, A. (2015) J. Non-capitalist organizations in Latin America: lessons from the Brazilian Faxinal grassroot community. **Cadernos EBAPE**, v. 13, p. 369-389. ZILIO, L.B.; BARCELOS, R.M.B.; DELLAGNELLO. E.H.L.; ASSMANN, S.J. (2012). Organizações contra hegemônicas e possibilidade de redescoberta da política na modernidade: uma contribuição a partir do pensamento de Hannah Arendt. In: **Cadernos EBAPE.BR**. v.10, n.4, p.789-803.



Conhecer e estudar “experimentos” organizacionais alternativos pode significar o entendimento dos caminhos que trilham mudanças sociais maiores de confronto com a hegemonia da organização burocrática empresarial, ou talvez simplesmente possa levar ao entendimento de processos organizativos que vivem em permanente contradição com as práticas convencionais, tensionando-as e produzindo fenômenos difíceis de explicar por meio das perspectivas consagradas dos Estudos Organizacionais. Este Grupo de Trabalho quer ser um espaço de discussão e reflexão sobre experiências organizacionais alternativas e contra hegemônicas, recorrentemente ignoradas pelas abordagens dominantes na pesquisa científica em Administração e Organizações. A literatura brasileira e internacional refere-se a tais experiências pelo uso de intensa adjetivação: organizações coletivistas (ROTSCHILD-WITT, 1979), organizações substantivas (SERVA, 1993), organizações alternativas (PARKER, FOURNIER e REEDY, 2007), organizações contra hegemônicas (SULLIVAN, SPICER e BOHM, 2011; ZILIO et al, 2012), organizações liminares (MEIRA, 2014), organizações de resistência (BARCELLOS e DALLAGNELO, 2014) e formas não convencionais de organização (VIZEU, SEIFERT E HOCAYEN-DA-SILVA, 2015). Desse modo, o GT está aberto para ensaios teóricos e estudos empíricos que contribuam para sedimentar e expandir o campo de estudo sobre Organizações Alternativas e Contra Hegemônicas.

Grupo de Trabalho 22

TRABALHO EM MUTAÇÃO: CARREIRA, OCUPAÇÕES E INSERÇÃO PROFISSIONAL NA CONTEMPORANEIDADE

Coordenadores

- Sidinei Rocha de Oliveira (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) - sidroliveira@ea.ufrgs.br
- Lucia Barbosa de Oliveira (Ibmec-RJ) - loliveira6@ibmec.edu.br
- Elisabeth Cavalcante dos Santos (Universidade Federal de Pernambuco) - elisabethcsantos@gmail.com
- Francielle Molon da Silva (Universidade Federal de Pelotas) - franmolon@yahoo.com.br
- Anne Pinheiro Leal (Universidade Federal do Rio Grande) - anneleal@furg.br



Descrição

Os riscos e incertezas característicos do mundo do trabalho atual tem causado impactos nas decisões de carreira na medida em que os indivíduos se veem diante de novas configurações sociais e de trabalho. Neste contexto, novas ocupações surgem e transformações se dão em carreiras profissionais tradicionais, repercutindo de forma significativa na dinâmica das ocupações, bem como nos movimentos de inclusão/exclusão no mercado de trabalho. Tendo em mente que o conceito de carreira possui uma constituição interdisciplinar e histórica, que integra pessoas, grupos, organizações e sociedade, evidenciando uma interação dinâmica entre o sujeito e o mundo que o rodeia; e que o sujeito já inserido no mercado de trabalho ou o jovem que busca essa inserção devem ser compreendidos levando em consideração elementos como classe social, gênero e etnia, o objetivo deste grupo de trabalho é discutir como o atual contexto da organização do trabalho contribui para o surgimento de carreiras em novas ocupações, principalmente entre os jovens, e também para a reconfiguração de carreiras tradicionais. A partir dessa discussão, busca-se contribuir com os estudos organizacionais, no sentido de proporcionar reflexões sobre as diversas possibilidades de carreira a partir das transformações das formas organizacionais no contexto contemporâneo. Dá-se especial enfoque à busca por inserção profissional de jovens, e às novas possibilidades de carreiras e ocupações daí advindas, apontando suas particularidades, desafios e entraves inerentes, bem como às transformações nas carreiras tradicionais. Como possibilidades de desdobramentos em relação a tais reflexões, observa-se a discussão sobre os avanços e limites das políticas públicas associadas à inserção profissional.

III TIPOS DE TRABALHOS QUE ATENDEM A ESTA CONVOCATÓRIA

- Resumos expandidos (com pelo menos duas mil e até três mil palavras).
- Trabalhos em construção (com pelo menos três mil e até cinco mil palavras).
- Textos completos (com pelo menos seis mil e até nove mil palavras).

IV ORIENTAÇÕES PARA A SUBMISSÃO DE TEXTOS AOS GRUPOS DE TRABALHO



- Os trabalhos deverão ser encaminhados somente pelo link <http://cbeo2016.emnuvens.com.br>, com o título “Submissão de texto completo – GT [número do grupo de trabalho]”, “submissão do trabalho em construção – GT [número do grupo de trabalho]” ou “submissão do resumo expandido – GT [número do grupo de trabalho]”.
- O autor responsável pela submissão deverá informar em campos específicos no sistema eletrônico: título do texto, seguido do nome completo do(s) autor(es), nome da instituição(por extenso) a que se vincula(m) o(s) autor(es), e-mail do(s) autor(es), resumo (10 a 15 linhas) e palavras-chave (entre três e cinco).
- É expressamente proibido indicar título, autoria, resumo, palavras-chave ou informações dos autores no arquivo submetido. Será gerada automaticamente uma folha de rosto com os dados prestados no sistema.
- Os textos submetidos serão analisados, em cada grupo de trabalho, por uma comissão específica, composta por especialistas no tema. As propostas serão avaliadas considerando seu teor, relevância, contribuição para os estudos organizacionais e aderência ao grupo de trabalho.
- Cada autor pode submeter no máximo dois textos aos grupos de trabalho, sem diferenças entre autoria e coautoria.
 - Cada texto deve ser submetido a apenas um grupo de trabalho.
 - Os artigos devem ser inéditos e assim o permanecerem até o final do IV CBE/O.
 - Os textos devem ser submetidos exclusivamente em formato .pdf. Não são aceitas submissões em formato .doc ou .docx.
 - Os textos devem ser redigidos em português ou espanhol com redação, ortografia e normalização adequados, pois a versão enviada será definitiva, não sendo permitida a substituição do texto encaminhado.
 - A critério dos grupos de trabalho, podem ser aceitos textos em outros idiomas, desde que atendidos os critérios de avaliação definidos pelos próprios grupos de trabalho.
 - Os textos devem ter a autoria definitiva no momento da submissão, pois não será permitida a inclusão de autores posteriormente.
 - Os arquivos dos textos enviados devem estar livres de vírus. Trabalhos eventualmente infectados serão excluídos do processo de avaliação.



- No caso dos resumos ampliados, o texto deve ser redigido em times new roman (tamanho 12) e ter pelo menos duas mil, e até três mil palavras, incluindo notas de rodapé e referências. Os elementos que devem constar em um resumo ampliado são: contextualização, objetivos, metodologia (se for o caso), resultados ou resultados esperados (se for o caso), e conclusões e referências.
- No caso dos textos em construção, o texto deve ser redigido em times new roman (tamanho 12) e ter pelo menos três mil, e até cinco mil palavras, incluindo notas e referências. Os elementos que devem constar em um texto em construção são: contextualização, objetivos, metodologia (se for o caso), resultados ou resultados esperados (se for o caso), e conclusões seguidas de referências. Apenas os resumos dos textos em construção serão publicados nos anais, uma vez que se considera o espaço para apresentação e discussão no âmbito do evento suficiente.
- No caso dos textos completos, o texto deve ser redigido em times new roman (tamanho 12) e ter pelo menos seis mil, e até nove mil palavras, incluindo notas e referências. Os elementos que devem constar em um texto completo dependem da sua natureza e propósitos, embora se espere que estejam conforme o esperado neste tipo de texto.
- Notas de rodapé são aceitas, desde que usadas com parcimônia e que tenham conteúdo explicativo. Não se deve usar notas de rodapé para fazer citações.
- As referências devem ser feitas no corpo do texto, e obedecer à ABNT ou à APA, limitando-se ao material utilizado na confecção do texto.
- A submissão de textos aos grupos de trabalho não implica aceitação, tendo os grupos de trabalho autonomia no processo de seleção do material a ser publicado.
- A inclusão do texto nos anais do IV CBEO está condicionada à apresentação do trabalho e o pagamento da tarifa relativa à taxa de inscrição no evento.
- A apresentação de trabalho nos grupos de trabalho durante do IV CBEO precisa ser necessariamente feita pelo menos por um dos autores do texto.
- Terá(ão) direito ao(s) certificado(s) de participação apenas o(s) autor(es) presentes na apresentação do trabalho, e que tenham assinado a lista de presença na sessão de apresentação.



V PUBLICAÇÃO

Para serem publicados nos anais do IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, os textos precisam ter sido enviados em formato de resumo ampliado ou em formato de texto completo, revisados pelos próprios autores, até a data limite prevista no cronograma, ter sido aprovados pelos grupos de trabalho, inscritos (com as taxas devidamente pagas) e apresentados durante o evento. Os anais do IV CBEO serão divulgados publicamente. A partir da submissão de quaisquer textos, entende-se como automática a cessão dos direitos de divulgação científica, para a SBEO.

VI INSCRIÇÕES E TARIFAS

As inscrições para o IV CBEO terão os seguintes valores:

Categorias	Inscrição sem associação à SBEO (válida apenas para o evento)		Inscrição com associação à SBEO (Um ano de associação)		Associação à SBEO sem participação no evento (Um ano de associação)	
	28/07/16 a 18/10/16	A partir de 19/10	28/07/16 a 18/10/16	A partir de 19/10	28/07/16 a 18/10/16	A partir de 19/10
Professores, Pesquisadores e Profissionais em geral	R\$ 360,00	R\$ 450,00	R\$ 320,00	R\$ 400,00	R\$ 100,00	R\$ 150,00
Estudantes (Graduação, Especialização, Mestrado, Doutorado)	R\$ 75,00	R\$ 100,00	R\$ 85,00	R\$ 120,00	R\$ 50,00	R\$ 100,00



Observações

- As inscrições se referem à inscrição do evento. Despesas com deslocamento, hospedagem e alimentação são por conta dos participantes. Em momento oportuno, serão disponibilizados no site do evento sugestões de deslocamento, alimentação e locais de hospedagem.
- A inscrição no congresso só será confirmada após o pagamento da taxa de inscrição, conforme instruções que acompanharão a carta de aceite do trabalho.
- O IV CBEO já começa suas atividades no dia 19 de outubro pela manhã, e tem cerca de dez horas diárias de atividades variadas. Como o espaço de que dispomos é limitado, recomendamos a todos os participantes que, se possível, cheguem a Porto Alegre na terça-feira, 18 de outubro de 2016, e que retornem após o encerramento do evento.

VII CRONOGRAMA ATUALIZADO DO IV CBEO

Atividade	Data final
Publicação da primeira convocatória	✓
Envio de proposta – Minicursos	✓
Envio de proposta – Mesa redonda	✓
Envio de proposta – Grupo de trabalho	✓
Resultados – Minicursos	✓
Resultados – Mesa redonda	✓
Resultados – Grupo de trabalho	✓
Publicação da segunda convocatória	✓
Envio de trabalhos – Grupos de trabalho	18/07/16
Resultados – Trabalhos enviados para Grupos de trabalho	04/08/16
Início das inscrições – com desconto	28/07/16
Solicitação – Lançamento de livros e revistas	04/08/16
Solicitação – Exposições, performances, apresentação de filmes e documentários	04/08/16
Resultados – Lançamento de livros e revistas	20/08/16
Resultados – Exposições, performances, apresentação de filmes e documentários	20/08/16
Término das inscrições – com desconto	18/10/16
Abertura do IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais	19/10/16
Encerramento do IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais	21/10/16



VIII ORGANIZAÇÃO

Comissão organizadora

- Paulo Abdala (UFRGS) – Coordenador Geral
- Fernanda Tarabal (UFRGS) – Vice-Coordenadora Geral
- Rafael Flores (UFRGS) – Coordenador Científico
- Márcio Bauer (FURG) - Coordenador Financeiro
- Márcio Rodrigues (UFPEL) - Secretário Geral
- Camila Furlan da Costa (Unipampa) - Coordenadora de Comunicação
- Andrea Oltramari (UFRGS) - Coordenadora Cultural

Comissão Científica

- Amon Narciso de Barros (EAESP/FGV)
- Diogo Henrique Helal (FUNDAJ)
- Guilherme Dornelas Camara (UFRGS)
- Luiz Alex Silva Saraiva (UFMG)
- Sueli Maria Goulart Silva (UFRGS)

IX CASOS OMISSOS

Casos não previstos nessa convocatória devem ser tratados diretamente com a comissão organizadora por e-mail: congressosbeo@ufrgs.br

Comissão Organizadora do IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais

Sociedade Brasileira de Estudos Organizacionais